

EXCLUSIVO

DEAR MAMIE

LONDRES

INVERNO DE INFLAÇÃO

Por JOSÉ CARDOSO PIRES

MR. HEATH acenou-lhe respeitosamente, sem grandes esperanças de ser correspondido. Boa figura, solteiro e com o ar discreto do cavalheiro instalado, estava na idade madura das segundas núpcias. Tomava chá em família — com os pais e os irmãos; fazia vela e, embora não tivesse grande brilho a falar, notava-se-lhe um inegável acento de distinção britânica. Oh, dearie, Mr. Heath era distintíssimo, indiscutivelmente que sim. Sedutor, por vezes.

De modo que Mamie, a muito compenetrada dona de casa londrina, não lhe resistiu e no dia das eleições deu-lhe o **sim**. «Não te esqueças que me prometeste acabar

Heath. Finalmente ia viver sem sobressaltos. Comer o seu **chicken pie**, o seu feijão enlatado, dedicar-se um pouco mais ao cão e ao periquito de Jamaica que durante os desconfortáveis anos de Harold Wilson não sabia dizer mais nada que **shut up!**, **shut up!** (Dear Mamie, como emblema de burguesia, não dispensava os **pets**. Tinha a maior ternura por todos esses animaizinhos de ornamentação, desde o cachorro e o gato, criaturas entronizadas, até ao sagui á pêga e ao urso anão do Canadá). Se Mr. Heath lhe desse alegria e saúde talvez aumentasse mesmo o seu zoo caseiro e conseguisse abrandar a ira antitrabalhista do periquito, levando-o a substituir o «cale

pareciam ter ganho a batalha eleitoral, Dear Mamie, a Dearest Mamie, entregara-se-lhe á última hora no sacrossanto segredo do voto. Mulher recatada tem sempre a sua oportunidade, não é assim?

Mas os homens são volúveis por natureza. Ingratos para com as almas sensíveis que na sua fragilidade feminina se lhes oferecem, confiantes. E Heath começou a causar inquietações, a Dear Mamie com aquele significativo silêncio sobre as promessas apaixonadas dos primeiros dias. Pudera — diziam as donas de casa mais desesperadas — no fundo são todos os mesmos. Chamem-se Wilsons ou Heaths, só têm conversa e mais nada.

Dear Mamie ouvia, compungida. As coisas tinham piorado sem que ela desse por isso. Piorado e de que maneira. O orçamento minguava, os alimentos subiam a olhos vistos e nunca as rendas de casa tinham aumentado tanto em tão pouco tempo. Pensou: Talvez isto seja só agora, ao princípio. Talvez ele esteja a pagar as asneiras do outro...

O outro era Wilson, evidentemente.

MAMIE,
A GATA BORRALHEIRA,
ESCOLHE
A VIA DO PROTESTO
TRIUNFARÁ?

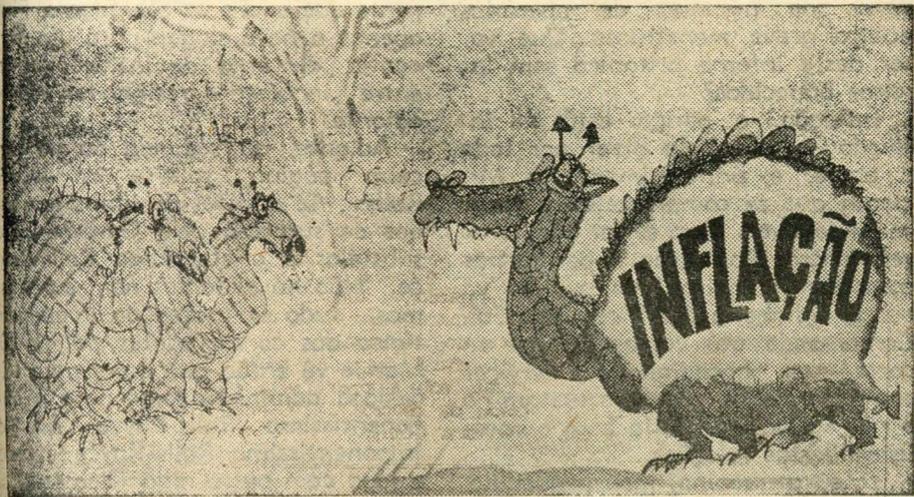
Foi então que um raio de esperança veio iluminar a penumbra de sacrifício em que começava a mergulhar. O sistema de impostos ia ser remodelado, cada qual iria descontar menos para o Estado — anunciou o idolatrado Heath. «Abençoado!» suspirou Mamie.

E assim foi. Os impostos baixaram, mas quando ela pegou em papel e lápis para apurar as vantagens percebeu, aterrada, que as pequenas libras que lucrava eram uma gota de água no incêndio sempre crescente dos preços em circulação. Afinal tinha menos poder de compra do que nos conturbados tempos de Wilson. Muito menos.

Heath, dear Heath, onde estás tu que não me ouves?

Muito surrateiramente, dia após dia e nestes cinco meses, os preços foram aumentando. Subindo penny a penny, mas subindo. Agora a cerveja, depois o metropolitano, o tabaco a seguir, e até o custo dos passaportes cresceu de jacto e em voo alto. Ao mesmo tempo acabou-se com o **school milk** (leite distribuído gratuitamente nas escolas): daqui em diante quem quisesse que o trouxesse de casa ao preço da tabela, e ponto final, todos aos seus lugares.

Entretanto chegou a vez da medicina — a tal que se apoiava no detestável palavão de «socializada». Mamie sempre se irritara com



com as greves», disse-lhe ela com um sorriso enternecido.

«Com as greves e com o aumento do custo de vida», acrescentou o feliz eleito.

DEPOIS DAS PALAVRAS
APAIXONADAS
A INQUIETAÇÃO
APODERA-SE DE MAMIE

Dear Mamie veio para casa e esperou diante da fotografia de Mr

a boca!» do tempo de Wilson por qualquer frase mais terna. «**What a lovely life!**», por exemplo.

Embevecida com as palavras do prometido, ficou á espera cinco meses bem contados. Ela e todas as mamies britânicas tinham os olhos naquele cavalheiro redentor. Milhares de gatinhas borralheiras espalhadas pelas lendárias e brumosas ilhas de Sua Majestade sonharam em silêncio com ele, esperando ver iluminar-se o sapatinho das economias. Por isso quando os vilões



Paulo VI está nas vésperas da mais longa viagem de qualquer Papa. E esta promete, igualmente, ser a mais atribulada de todas as que este Sumo Pontífice resolveu empreender fora do seu pequeno reino cujos problemas não são, propriamente, os do céu (Página 10).

INFLAÇÃO

INFLAÇÃO

INFLAÇÃO



o termo, que de resto, era um tanto abusivo. Heath também não gostava dele e fez-lhe o favor: deitou mãos à obra, começando por impor uma taxa a certos tratamentos que até aqui eram gratuitos. Para grandes males, remédios a prestações — devia ele ter decidido.

Se Dear Mamie não fizesse parte da chamada «multidão silenciosa»

já teria protestado pela certa. Teria ido a Dowing Street de cartaz em punho e aparecido mesmo nas entrevistas do News at Ten. Os televisores a cores teriam então oferecido a sua imagem de mulher esquecida em milhões de lares por esse país fora. Só que ela, no seu orgulho feminino, guarda ainda uma certa esperança. Uma certa resignação, também. No fundo, não

ignora que os noivados secretos deixam quase sempre no silêncio as promessas mais solenes.

UMA BURGUESINHA AFOGADA EM LIXO E UM PRÍNCIPE A SONHAR COM ARMAS

Quantas e quantas vezes não pensou em sentar-se à mesa e escrever a sua carta de desabafo a Mr. Heath. Tratá-lo-ia por Sir ou Dear Sir, muito formalmente magoada.

«Dear Sir», começaria ela». Venho lembrar-lhe o que tão solenemente me prometeu na presença de milhões de testemunhas...»

Mas não, achou melhor desistir. Mr. Heath andava preocupadíssimo em fechar um negócio de armamentos para a África do Sul e ela, pobre Mamie, só agora se conseguira libertar das montanhas de lixo que se acumularam em sua casa.

É verdade lixo. Uma greve terrível dos varredores, mais dura e mais prolongada do que aquela que tinha havido há um ano. É certo que Mr. Heath que procurara dominá-la com medidas laterais e não se entregara, como Mr. Wilson, às manobras dos sindicatos. Mas foi pior, muito pior — e realmente se as coisas iam por esse caminho, adeus promessas de paz e colaboração sindical.

Dear Mamie ao lembrar-se disto estremece. O principado de Heath começa justamente com a gigantesca greve dos estivadores e agora mesmo, ainda ela está a emergir dos sacos cheios de lixo que a abafaram durante semanas e semanas em casa, nas ruas, nos jardins. Mas há mais, o ciclo não pára: em todas as minas de carvão levantam-se dezenas de milhares de operários noutra greve monstruosa. Que vai ser deste inferno britânico sem lazeiras aquecidas?

Inflação, o perigo está na inflação — ouve ela dizer por toda a parte, e principalmente a Mr. Heath que se comprometeu a fazer os impossíveis para evitar tão terrível cancro. Por essas e por outras compreende muito bem que se vá buscar dinheiro à África do Sul. Compreende até vamos lá, que se corte um bocadinho nos serviços sociais, mas as greves assustam-na e não vislumbra muito bem o fatalismo destas relações.

«Meu pequenino, meu pequenino, diz ela, acariciando o periquito.

E o pássaro:

«Shut up!»

ATACADA DA DANSA DE S. VITO MAMIE FECHA-SE EM CASA E RECORRE AO PERIQUITO

Parece, é voz corrente, que os governos trabalhistas só são chamados ao poder em situações extremamente ruins e que em contrapartida os conservadores assumem sempre a chefia em situações parcialmente equilibradas. Assim aconteceu com Wilson que, de resto, contornou muitas das grandes promes-

sas eleitorais, esqueceu outras e contradisse algumas mais. Uma das suas estratégias consistiu em tecnocratar os sindicatos, destituindo-os tanto quanto possível de contexto político, enquanto que Heath procura em contrapartida chamar o público com o mito da politização dos sindicatos como justificação do descontentamento operário. Acusados de agentes da inflação e Lord Robens, actual presidente do National Coard Board não hesitou sequer em trazer à baila o old-fashioned argumento da infiltração comunista.

Dear Mamie não compreende lá muito bem estas coisas. O risco comunista é coisa que não perturba as consciências britânicas, como universalmente se sabe. A dela ainda menos.

Também as palavras de Heath a deixaram de impressionar, embora ele tenha introduzido uma linguagem diferente daquela que o hábit e Mr. Wilson utilizava. Uma linguagem diferente? Ah, sim. A mudança é ostensiva. O jogo agora está muito mais à vista, os compromissos parecem apostados em se declarar abertamente.

Por exemplo, ainda hoje na 1.ª página do Evening News os bons torques vêm acusar os maus sindicatos, afirmando em títulos de toda a largura que o Governo está em face de «um inverno de inflação» e que «a situação é extremamente séria, se bem que não tenha atingido proporções de crise».

Dear Mamie apanha o jornal à entrada do metropolitano de Anywhere Road. Entre centenas de londrinos e de donas de casa como ela, recorda-se vagamente de que Heath anunciara a recusa à inflação, mas vai levada na onda, no caudal de gente que enche as carruagens. Fixa apenas o novo slogan para uso corrente: «Inverno de inflação» — e, entre inquieta e resignada, passo adiante.

Adiante, na segunda ou na terceira página, fala-se do «Caso Rolls»: 42 milhões de libras investidas de surpresa pelo Governo para subsidiar a aristocrática Rolls-Royce. Não há disfarces nem eufemismos, tudo se passa na linguagem típica dos conservadores de 1970. Mamie vê então que a poderosa ICI desloca administradores para a imponentíssima Rolls-Royce, que a imponentíssima Rolls-Royce inverte o jogo com outro magnífico trust... uma dança.

Dear Mamie oscila entre os passageiros que entram e saem em cada estação. Percorreu os supermercados e as galerias de Peter Jones ou de B & H já carregadas do esplendor do Natal, devorou à pressa um bolo e um chá em qualquer coffee house das redondezas e agora sai do metropolitano noutra onda apressada de gente. Uma dança, de facto.

Quando chegar a casa abrirá o televisor e fará o cumprimento do costume ao periquito da Jamaica.

«Shut up! Shut up!» responder-lhe-á a adorável criatura.

José Cardoso Pires

HISTÓRIA DA ARQUITECTURA MODERNA

BRUNO ZEVI

A PRIMEIRA HISTORIOGRAFIA DA NOVA ARQUITECTURA MUNDIAL DESDE AS SUAS ORIGENS ATÉ À ACTUALIDADE

A PRIMEIRA BIBLIOGRAFIA GERAL DA HISTÓRIA URBANÍSTICA E ARQUITECTÓNICA MODERNA

UM ESTUDO SOBRE A SITUAÇÃO DA ARQUITECTURA MODERNA EM PORTUGAL

4000 ILUSTRAÇÕES EM EXTRA-TEXTO E EM IN-TEXTO

...Mas esta obra interessa, acima de tudo, a leitores das mais diversas profissões e formações que queiram entender os aspectos relevantes da revolução do seu tempo — porque é a aventura das respostas que em campo de aparência tão limitado, como o de architectar, procurou dar a fenómenos tremendos, como o da explosão das cidades e a ruína das suas estruturas tradicionais; como o da extensão a toda a população do direito a habitar, a educar-se, a tratar-se, a divertir-se, não apenas no sentido quantitativo que estas exigências tomaram mas, ao mesmo tempo, porque postulavam a reinvenção integral dos ambientes quase sempre degradados, utilitários e poeticamente, em que vivemos.

A generalidade dos leitores não retirará desta história apenas um aumento de cultura geral — o de conhecer os progressos bem contraditórios de uma actividade que creio ser importante para a vida de todos nós —, mas arriscar-me-ia a pensar que ganhará um modo diferente de ver e entender o espaço em que se move, trabalha ou descansa, uma percepção mais aguda da não indiferença desse espaço para a sua quotidianidade, e, portanto, um progresso crítico que o tornará melhor interlocutor da architectura que se cria, e até melhor conhecedor do condicionalismo cívico que não permitir ou sufocar o significado colectivo dessa criação.

Como instrumento de formação profissional para os que dão forma ao habitat, como instrumento de consciencialização cultural para os que habitam, a publicação em português deste «Clássico» era necessária.»

(do prefácio do Arq. NUNO PORTAS)

A HISTÓRIA DA ARQUITECTURA MODERNA é publicada em cerca de 15 fascículos, de 48 páginas, no formato 19 X 25 centímetros, impressa em papel offset de 300 grs. expressamente importado para esta obra, e extratextos impressos em couche mate de 120 grs.

Preço reduzido para assinaturas:

por fascículos, cada	30\$00
em série de 5 fascículos, pagamento adiantado	140\$00
obra completa, pagamento adiantado	400\$00

FAÇA, PREFERENTEMENTE, A ASSINATURA NA SUA LIVRARIA OU, ALTERNATIVAMENTE, JUNTO DOS NOSSOS SERVIÇOS, PARA O QUE BASTARÁ COLAR NUM POSTAL O TALÃO ABAIXO

A EDITORA ARCADIA, S. A. R. L.

Campo de Santa Clara, 160 — LISBOA-R

Solicito o envio do 1.º fascículo da HISTÓRIA DA ARQUITECTURA MODERNA, que devolverei no prazo de oito dias, caso não me interesse confirmar a sua assinatura.

NOME

ENDEREÇO

LOCALIDADE